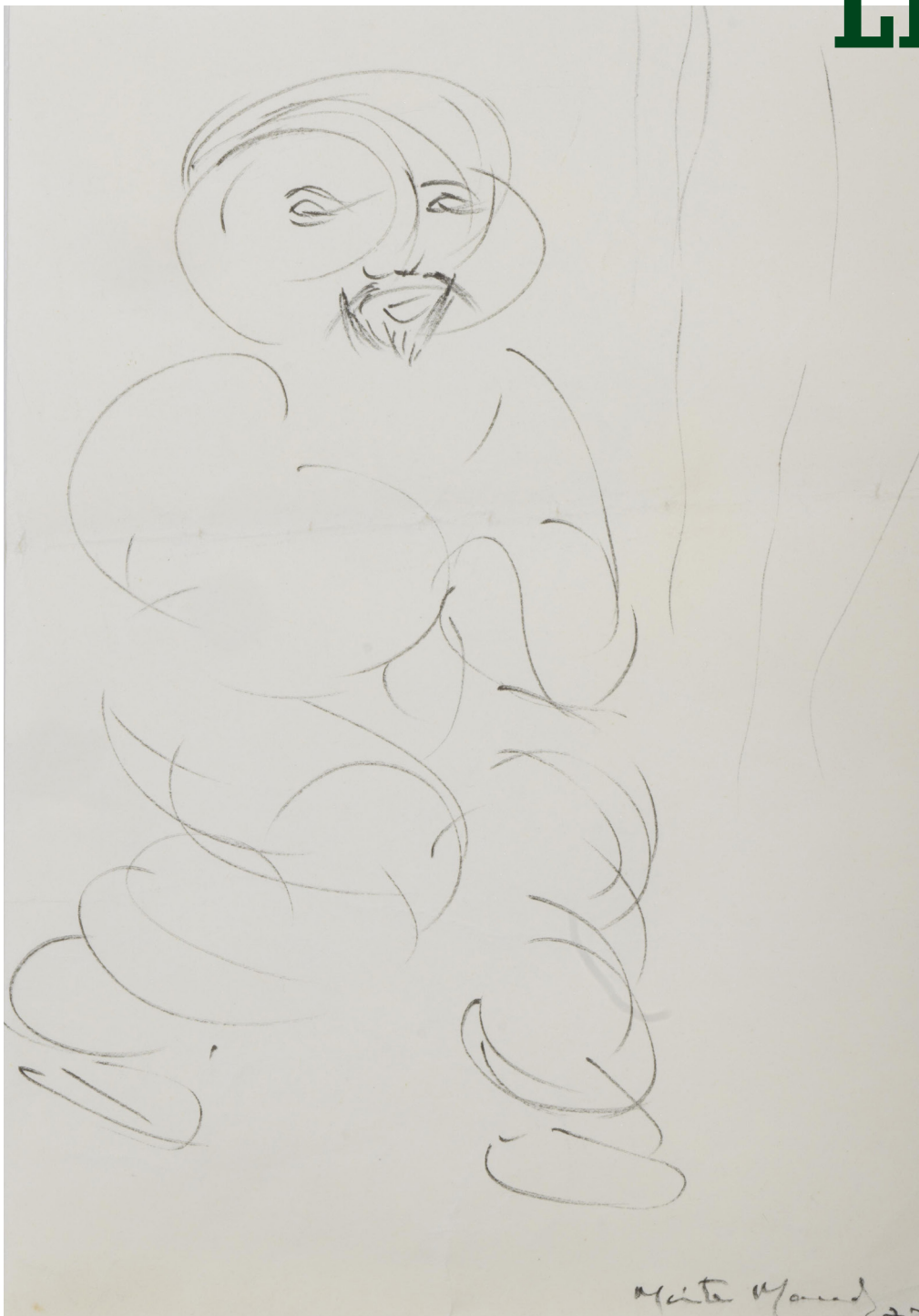


A large, close-up, sepia-toned portrait of an elderly man with a thick, white beard and mustache, looking slightly to the right. The image is partially covered by a dark green rectangular overlay on the right side, which contains the text.

MOITA MACEDO

1930 - 1983



BOA CELEBRA HOJE A MEMÓRIA DE UM DOS GRANDES NOMES DA ARTE PORTUGUESA DO SÉCULO XX, AO ATRIBUIR O NOME DE **MOITA MACEDO** A UMA DAS SUAS RUAS.

Com este gesto, honramos não apenas um artista singular, mas também um lisboeta que soube transformar a cidade em fonte de inspiração e palco privilegiado da sua criação. Pintor, escultor, gravador e poeta, José Albano Pontes Santos Moita Morais de Macedo deixou uma marca indelével no panorama artístico nacional, sendo uma figura multifacetada cuja obra continua a inspirar novas gerações.

Nascido em Benfica do Ribatejo, Moita Macedo escolheu Lisboa como o centro da sua atividade criativa. Entre 1964 e 1983, trabalhou na Rua Braamcamp e manteve o seu atelier em Benfica, na Rua da Venezuela, espaços onde encontrou o equilíbrio entre a energia urbana e a serenidade do recolhimento – uma dicotomia que atravessa a sua obra. A capital serviu-lhe de cenário e musa, alimentando uma expressão artística que soube conjugar a força do industrial com a leveza do poético, a experimentação técnica com o compromisso estético.

Artista de formação autodidata e espírito inquieto, Moita Macedo iniciou o seu percurso na Siderurgia Nacional, onde o contacto com materiais como o ferro e o aço influenciou profundamente a sua linguagem visual. Na escultura, explorou formas simplificadas de grande durabilidade e impacto, enquanto nas artes gráficas procurou ultrapassar os limites da gravura tradicional. Na Cooperativa Gravura, sob a influência de Almada Negreiros, iniciou experiências arrojadas com a gravura riscada sobre vidro, técnica que lhe permitiu trabalhar a luz, o contraste e a transparência de forma inovadora.

A sua primeira grande distinção surgiu em 1963, ao ser premiado nos II Jogos Florais do Trabalho pelo seu trabalho em marfim, revelando uma notável criatividade no uso de materiais complexos. Nos anos seguintes, desenvolveu escultura pública, ilustrou livros, dirigiu atividades culturais e foi editor do jornal *Convívio*, dinamizando a vida cultural da classe operária.

Entre 1972 e 1973, Moita Macedo participou ativamente na vida artística lisboeta, expondo em espaços como a Galeria Futurismo e

a Galeria Opinião, e refletindo sobre temas como o fim dos tempos, a devastação e a esperança – preocupações estéticas e existenciais espelhadas nas suas obras “Hiroxima” e “Apocalipse”. Ao longo da década de 80, aprofundou a vertente performativa e interativa da arte, rompendo com os formatos tradicionais e abrindo novos caminhos de comunicação com o público.

Em 1981, revelou também o poeta que habitava o artista, ao publicar, em coautoria, o livro *Cantares de Amigo*, onde partilhou pela primeira vez, em larga escala, a sua sensibilidade lírica. Este momento marcou a consolidação do seu percurso como artista total, unindo palavra e imagem, matéria e espírito, crítica social e transcendência.

Faleceu prematuramente em Lisboa, a 18 de maio de 1983. O seu legado, no entanto, permanece vivo. Foi celebrado por artistas como Artur Bual e Manuel Cargaleiro, e alvo de diversas exposições e publicações. A Câmara Municipal de Lisboa prestou-lhe já homenagem em 2002 com o lançamento do seu livro *Poemas* e uma exposição retrospectiva que contou com a presença de nomes maiores da cultura portuguesa.

Ao atribuírmos hoje o nome de Moita Macedo a uma rua de Lisboa, inscrevemos no mapa da cidade a memória de um artista plural, experimental e profundamente humano. Esta nova Rua Moita Macedo será assim um lugar de evocação, mas também de futuro – futuro para a criação artística, futuro para a liberdade de expressão e futuro para a dignidade da arte enquanto forma de cidadania.

Lisboa presta hoje homenagem a um dos seus artistas mais singulares, cuja vida e obra continuam a testemunhar a força da imaginação, a persistência da beleza e a urgência do espírito crítico. Que o seu exemplo continue a inspirar todos aqueles que veem na arte uma forma de transformar o mundo.



Carlos Moedas

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

2025





José Albano Pontes Santos Moita Moraes de Macedo, que ficaria conhecido na pintura e na poesia portuguesa da segunda metade do século XX como Moita Macedo, nasceu em Benfica do Ribatejo a 17 de outubro de 1930. O seu avô, José Luís Santos Moita, médico, republicano, deputado à I Assembleia Constituinte e Governador Civil de Santarém, revelou-se uma figura influente e formadora do seu carácter no seio da família tradicional onde cresceu, ao deixar-lhe como herança, que jamais esqueceria ao longo da sua vida, uma forte consciência e empenhamento social. Benfica do Ribatejo também influenciou os seus primeiros desenhos, que realiza ainda adolescente, nos quais são representados grandes planos da campina ribatejana ou do mar.

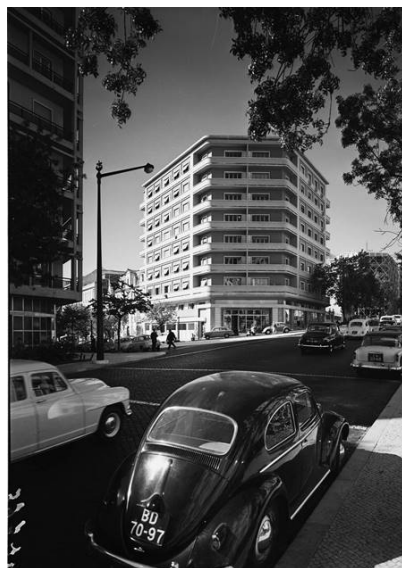


♦ Leito do rio no Ribatejo.
José Chaves Cruz. 19---. AML

♦ Campinos na Lezíria Ribatejana. Autor não identificado.
S/d. AML



◆ Nossa Senhora do Mar, forte de S. Jerónimo. Damão Pequeno. 1957
Emile Marini. Arquivo Histórico Ultramarino



◆ Sede da Siderurgia Nacional na rua Braamcamp. 1962
Armando Maia Seródio AML

Os anos de 1950 marcam a sua entrada na vida adulta: casa, em 1951, e terá cinco filhos, vai para a então Índia Portuguesa cumprir o serviço militar entre 1954 e 1957 e, em 1959, ingressa nos escritórios da Siderurgia Nacional, onde permanece 24 anos. De todos estes períodos soube retirar aprendizagens que se refletiram na sua produção artística. Importa, por isso, relembrar que enquanto militar, Moita Macedo esteve com artífices e artistas locais com quem trabalhou o barro e o marfim, executando, também, trabalhos de restauro na Capela de Nossa Senhora do Mar, em Damão. Este contacto com diferentes mundos e estéticas e, também, com o budismo, o tantra, e com uma “sociedad del dolor y el color”, foram fatores transformadores do seu conceito de vida (Paredes, 2015, p. 3). Já na Siderurgia, tomará contacto com o ferro e o aço, que mais tarde utilizará na pintura e na escultura.



◆ Moita Macedo com os filhos: José Luís, Pedro, Ana, Maria do Rosário e Paulo. 196-
Arquivo de Família

♦ Travessa do Sequeiro na Bica, onde, em 1963, se inaugura a última sede da Gravura. S.C. de Gravadores Portugueses. Artur Pastor, década de 60. AML



A aproximação às artes visuais e uma maior visibilidade dos seus trabalhos, ocorre na década de 1960. Neste período, foram fundamentais os dois anos em que frequentou a Gravura – Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, criada em 1956, onde, em 1963, conhece Almada Negreiros (1893-1970), artista multidisciplinar que será seu mestre e o introduz nas técnicas da gravura e da pintura. Para Moita Macedo, esta relação e aprendizagem irá revelar-se determinante na sua atividade ao assimilar os ensinamentos e saberes de Almada (Paredes, 2015), figura central da primeira geração modernista portuguesa. Também em 1963, é premiado nos II Jogos Florais do Trabalho, no qual participa com um conjunto de obras de gravação em marfim, é distinguido com o Prémio Gravura e Artes Plásticas (Siderurgia Nacional) e com a Medalha de Bronze no VIII Salão de Arte Moderna da Costa do Estoril.



♦ Escultura de Moita Macedo na Sede do Clube do Pessoal da Siderurgia Nacional.

Comemoração dos 55 anos do Clube. 2016

Concebe, em 1964, uma escultura em aço com cinco toneladas para as instalações do Clube do Pessoal da Siderurgia Nacional¹, do qual será diretor das atividades culturais² e editor do boletim informativo *Convívio*³, onde colabora assiduamente entre 1963

- 1 O Clube do Pessoal da Siderurgia Nacional, cujos estatutos foram aprovados em 1961, tinha por objetivo fomentar a cultura, o desporto, o lazer e bem-estar dos seus associados.
- 2 Neste âmbito, Moita Macedo foi um “importante impulsionador de iniciativas de índole cultural e era a ele que cabia a organização de pequenas excursões periódicas pelo país” (Branco, 2003, p. 16).
- 3 Órgão de comunicação do Clube, informava os associados sobre diversos assuntos como desporto, filatelia, passatempos, biblioteca, eventos culturais e temas livres ligados à literatura, ciência e tecnologia.



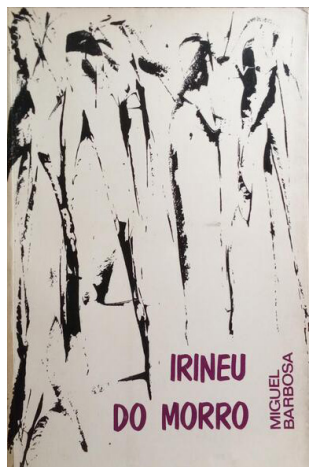
♦ Moita Macedo na década de 70

Imagem retiradas do catálogo da exposição: *A Antecipação: Pintura e poesia, Moita Macedo 1930/83*, 2015. Porto, Cordeiros Galeria

e 1971, sendo responsável pela coordenação da secção “Artes e Letras”, da qual, “por vezes chegou a ser o seu redactor integral” (Branco, 2003, p. 16). É a partir deste ano que Moita Macedo tem atelier próprio em Benfica, na Rua da Venezuela, que mantém até 1983. Em 1965 conhece Artur Bual (1926-1999), que se afirmou no panorama artístico português do século XX como um dos iniciadores do gestualismo.

A atividade artística de Moita Macedo, reconhecida ao longo do tempo com diversas premiações, intensifica-se nos anos de 1970, sendo distinguido com a Placa de Prata na exposição que assinala o XI Aniversário da elevação de Queluz a vila (1972), e realiza, paralelamente, capas de livros da autoria de Miguel Barbosa⁴ (1925-2019). Neste período dirige as Galerias Futura (1972) e Opinião⁵ (1974), locais de intensa vida e partilha cultural relevante na Lisboa de então. Nas vésperas da Revolução de Abril, em 1973, expõe em ambas as galerias e os seus trabalhos são alvo de duras críticas na imprensa do regime. Ainda em 1973, e ao longo da década seguinte, escreve textos de apresentação e crítica de pintura em catálogos de exposições de diversos artistas⁶.

♦ Capa do Livro *Irineu do Morro* de Miguel Barbosa, com ilustração de Moita Macedo, 1972. Rio de Janeiro. Editora Nórdica



-
- 4 Capa da peça de teatro *O Irineu do Morro*, editado no Rio de Janeiro pela Editora Nórdica (1972) e de *Mulher Macumba*, editado em Lisboa pela Editorial Futura (1973), ambos com ilustrações de Isabel Campos.
 - 5 A Galeria Opinião foi inaugurada em 1971, partilhando o espaço com uma livraria. Encerrou em 1980.
 - 6 Entre outros, nos catálogos das exposições de Francisco Simões, Silva Palmeira, Júlio Ferreira, Fernando Meneses, Maria Lucília Moita, Villar de Sousa.

Sei de uma terra perdida
 Que fica em nenhum lugar
 Onde se passa pela vida
 Em coisas só de brincar
 Crianças nascidas velhas
 Velhos que nunca cresceram
 E o fruto dos verdes anos
 Nunca se amadureceram
 Reis saídos de um baralho
 De biscoitos tradicionais
 Com mandos e com comandos
 Minorias majorias
 Trigo arrancado das pedras
 Do dia a dia vazio
 Homens puxando os arados
 Lavrando dias mais frios
 Cangas nos próprios pescoços
 Candongueiros do seu suor
 Vendendo a pele e os ossos
 Por preço sempre menor
 Onde se paga um imposto
 Mesmo para atravessar
 Do proposto para o suposto
 De querer as coisas mudar

Sei de uma terra esquecida
 Conta extrema do sonhar
 Onde passamos a vida
 Em coisas só de brincar

Moita Macedo

Sei de uma terra perdida
 Que fica em nenhum lugar
 Onde se passa pela vida
 Em coisas só de brincar
 Crianças nascidas velhas
 Velhos que nunca cresceram
 E o fruto dos verdes anos
 Nunca se amadureceram
 Reis saídos de um baralho
 De biscoitos tradicionais
 Com mandos e com comandos
 Minorias majorias
 Trigo arrancado das pedras
 Do dia a dia vazio
 Homens puxando os arados
 Lavrando dias mais frios
 Cangas nos próprios pescoços
 Candongueiros do seu suor
 Vendendo a pele e os ossos
 Por preço sempre menor
 Onde se paga um imposto
 Mesmo para atravessar
 Do proposto para o suposto
 De querer as coisas mudar

Sei de uma terra esquecida
 Conta extrema do sonhar
 Onde passamos a vida
 Em coisas só de brincar

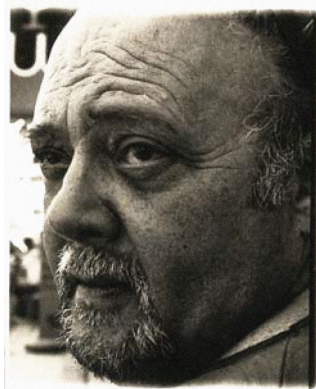


♦ Poema Sei de uma Terra Perdida, e Sei de uma Terra Perdida, 1970. Acrílico s/ papel colado s/ tela.
 Imagens retiradas do catálogo da exposição: A Antecipação: Pintura e poesia, Moita Macedo
 1930/83, 2015. Porto, Cordeiros Galeria



♦ *Cristo*, 1980
Acrílico s/ platex. Coleção particular

♦ Moita Macedo na década de 80
Imagem retirada do catálogo da exposição: *A Antecipação: Pintura e poesia, Moita Macedo 1930/83*, 2015. Porto, Cordeiros Galeria



Entre 1979 e 1983, desenvolve trabalhos de curadoria e impulsiona a realização das exposições de pintura na Codilivro - Cooperativa de Divulgação e Promoção do Livro, constituída em 1976. Em Almada, com o pintor Artur Bual e o escultor Francisco Simões (1946-), organiza, em 1980, a exposição coletiva *Viagem ao Mundo da Linha, da Forma e da Cor* que “resultou numa forma extremamente original de expor arte em Portugal, alargando o conceito de obra de arte” (Branco, 2003, p. 19).



Faleceu, prematuramente, em Lisboa, a 18 de maio de 1983. Tinha 53 anos.

No ano da sua morte é homenageado com uma exposição na Codilivro⁷ - *Lembrar Moita Macedo* -, com uma outra no Clube do Pessoal da Siderurgia Nacional e, ainda, no I Salão de Artes Plásticas da Feira Popular. É também homenageado na Associação de Estudantes do Instituto Superior de Economia com uma exposição que reúne 20 artistas⁸ e uma outra na Galeria de S. Bento⁹, em 1993. Mais homenagens se seguiram, como a mostra realizada em 2003, na Galeria S. Mamede - *O prazer da gestualidade* -, com obras das décadas de 1970 e 1980, ou ainda através do projeto para uma escultura pública realizada pelo arquiteto Souto Moura, em 2013.

A publicação póstuma da sua obra literária ocorre em diversos momentos, nomeadamente em 1993, com a edição do livro *Poema da Terra dos Homens Curvados*¹⁰, escrito na década de 1970, com um texto de Hugo Beja, também ele poeta e pintor. Em 2002, é editado o livro *Poemas*, com parte da sua obra literária, prefaciado por Urbano Tavares Rodrigues e com ilustrações de Francisco Simões¹¹. No seu texto, Tavares Rodrigues refere que Moita Macedo “não era propriamente um grande poeta na perfeição formal, ou seja, no modo mais rigoroso, na consecução total da síntese e do ritmo, na originalidade da sugestão metafórica”, considerando que o que esta tem de “mais valioso é a mensagem,



7 Posteriormente, em 1985, no âmbito das atividades comemorativas do 9º aniversário da Codilivro, a 22 de maio, o pintor-poeta foi novamente homenageado com uma exposição das suas obras e a leitura de poemas do livro *Cantares de amigo*. Cf. <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09772.146>

8 Realizada em 1985, esta exposição conta com a participação, entre outros, de Artur Bual, Cargaleiro, Francisco Simões, Silva Palmeira, Stella de Brito, Henrique Mourato, Isabel Seruca, Vítor Ferreira, Guy Ferreira, Álvaro Gonzaga, Mena Brito, Mário Silva, Hugo Beja, Júlio Ferreira, Maria Lucília Moita, Adão Rodrigues, Miguel Barbosa e Manuel Peliquito.

9 Participam nesta exposição Artur Bual, Francisco Simões, Mena Brito, Francisco Relógio e Miguel Barbosa.

10 Publicado pela Editorial Maré.

11 Publicado pela Estar Editora.

o seu calor, o impacto de torrentes verbais que comunicam o afeto e a raiva, a ânsia e a necessidade de verdade, a crença em valores” (Rodrigues, 2015, p. 7). A publicação, apresentada no Padrão dos Descobrimentos, a par de uma exposição de pintura, constituiu o momento em que Moita Macedo foi homenageado pela Câmara Municipal de Lisboa.

O artista é ainda postumamente homenageado em vários municípios. Destaca-se a atribuição do seu nome a uma rua no Bairro dos Pintores, nos Capuchos (Câmara Municipal de Almada, 2001), a uma praça, em Casal de São Brás (Câmara Municipal da Amadora, 2003) e a uma rua, em Almeirim (Câmara Municipal de Almeirim, 2009). Em Queluz, onde começou a pintar¹², em 2007 é descerrada uma placa na casa onde viveu e, no ano seguinte, na mesma cidade, o topónimo Moita Macedo é atribuído a uma rotunda (Câmara Municipal de Sintra, 2008).



♦ Rua Moita Macedo em Almeirim

Após uma mais ampla divulgação e partilha pública da sua obra, quer pictórica, quer poética, esta tem vindo a ser alvo de diversos estudos monográficos como o realizado por Alice Tomaz Macedo, intitulado *Moita Macedo: 1930-1983*, editado em 2003, o de Fernando António Baptista Pereira, *Moita Macedo: Desenhos, Drawings*¹³ (2005), com prefácio de Vítor Serrão, o editado pelo MEIAC (Badajoz), *Caderno do atelier: Desenhos de Moita Macedo* (2019), com textos de António Franco, João Silvério e Mário Avelar. Em 2023, o *Caderno*, agora com textos de Guilherme d'Oliveira Martins e João Silvério, é apresentado na Fundação Calouste Gulbenkian. No mesmo ano, no âmbito das

12 “O meu pai primeiro pintava na sala de jantar, que era sala de jantar e escritório. A família era grande, portanto ele pintava muito em cima de uma mesa ou num cavalete. Só mais tarde começou a pintar num ateliê, que depois deixou para voltar a pintar novamente em casa, já com mais condições”. Taborda, A. (2024). O pintor Moita Macedo, visto pelo filho Paulo. *Sábado*, 8 fev., p. 2.

13 Editado pela Caleidoscópio, em 2005, o livro foi apresentado na Galeria S. Mamede, na Galeria Arte Doze, no Museu do Trabalho Michel Giacometti (Setúbal), e no ano seguinte, na Cordeiros Galeria (Porto).



comemorações dos 10 Anos da Universidade de Lisboa, realiza-se no edifício da Reitoria a exposição *Moita Macedo Poeta Pintor* (2023-2024), comissariada por Fernando António Baptista Pereira. Mais recentemente, outras duas mostras, ambas realizadas em 2025, dão continuidade a uma mais ampla divulgação do seu trabalho e a outras propostas de abordagem à sua obra: *Memória, Gesto e Automatismo na Poética de Moita Macedo* (Palácio Anjos, Algés) e *Traços de Humanidade. A obra de Moita de Macedo em diálogo com os Cristos do Museu de Sousel* (MU.SA – Museu das Artes de Sintra).



♦ Moita Macedo na década de 70
Imagem retirada do catálogo da exposição: *A Antecipação: Pintura e poesia, Moita Macedo 1930/83*, 2015. Porto, Cordeiros Galeria

Autodidata, Moita Macedo trabalhou em diversas escalas e suportes, como a tela, o papel, o cartão ou cartolinas, recorrendo a diferentes materiais e riscadores, como a grafite, o carvão, a tinta-da-china, o óleo e os acrílicos. Na execução do seu trabalho utilizou uma imensa variedade “de recursos expressivos, desde a articulação entre a mancha

de cor e os traços soltos, como uma garrucha, aos automatismos e à manipulação assaz livre dos instrumentos de desenho e pintura, numa deliberada interpenetração entre ambos” (Pereira, 2020, p. 22).

A contaminação entre a pintura, o desenho e a escrita é transversalmente evidente na obra de Moita Macedo, quer na sua intensidade, quer nas suas temáticas, como se o artista fosse invadido por um “anseio de complementaridade, para ‘intervir’, para ‘dizer’”. Assim, é “nesta vontade de acerto que este autor se encontra como que no centro dum caos que quer organizar, a que quer sobretudo dar um sentido” (Ribeiro, Moita Macedo). Nesta linha de pensamento, Tomas Paredes considera que Moita Macedo “es un poeta comprometido, existencialista, directo, cercano. Y un pintor gestual, que traza con dolor vivencias que le ha endurecido y enternecido a un tiempo”, gerando um diálogo entre a firmeza e a ternura, tanto na sua obra escrita como gráfica (Paredes, 2015, p. 4). Dito de outro modo, esta prática artística, ao aliar a criação literária e a pictórica, dá corpo e consistência à sua obra, pois Moita Macedo “Sueña su pintura y con su limpia y feraz gestualidad escribe sus visiones, poemas visuales que con un código propio hablan de lo más genuino del hombre” (Paredes, 2015, p. 4).

A sua obra é passível de ser agrupada em núcleos temáticos comuns à pintura e ao desenho. De acordo com Baptista Pereira, entre estes identifica-se “o esplendor do corpo feminino nú, os rostos e as máscaras, as cidades, os Quixotes, as tauromaquias, as caravelas, os Cristos e as composições puramente abstractas de carácter profundamente gestual e experimental em que o autor ‘Desenhou/Escreveu’ de forma eventualmente mais explícita, aquilo que ele entendeu como a «libertação do gesto criador»” (Pereira, Moita Macedo).

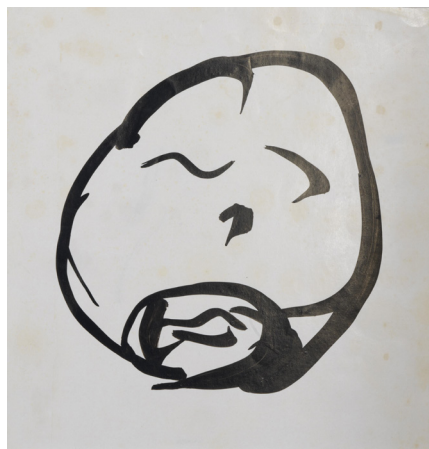




♦ Memografismo III. 1980
Técnica mista. Coleção particular

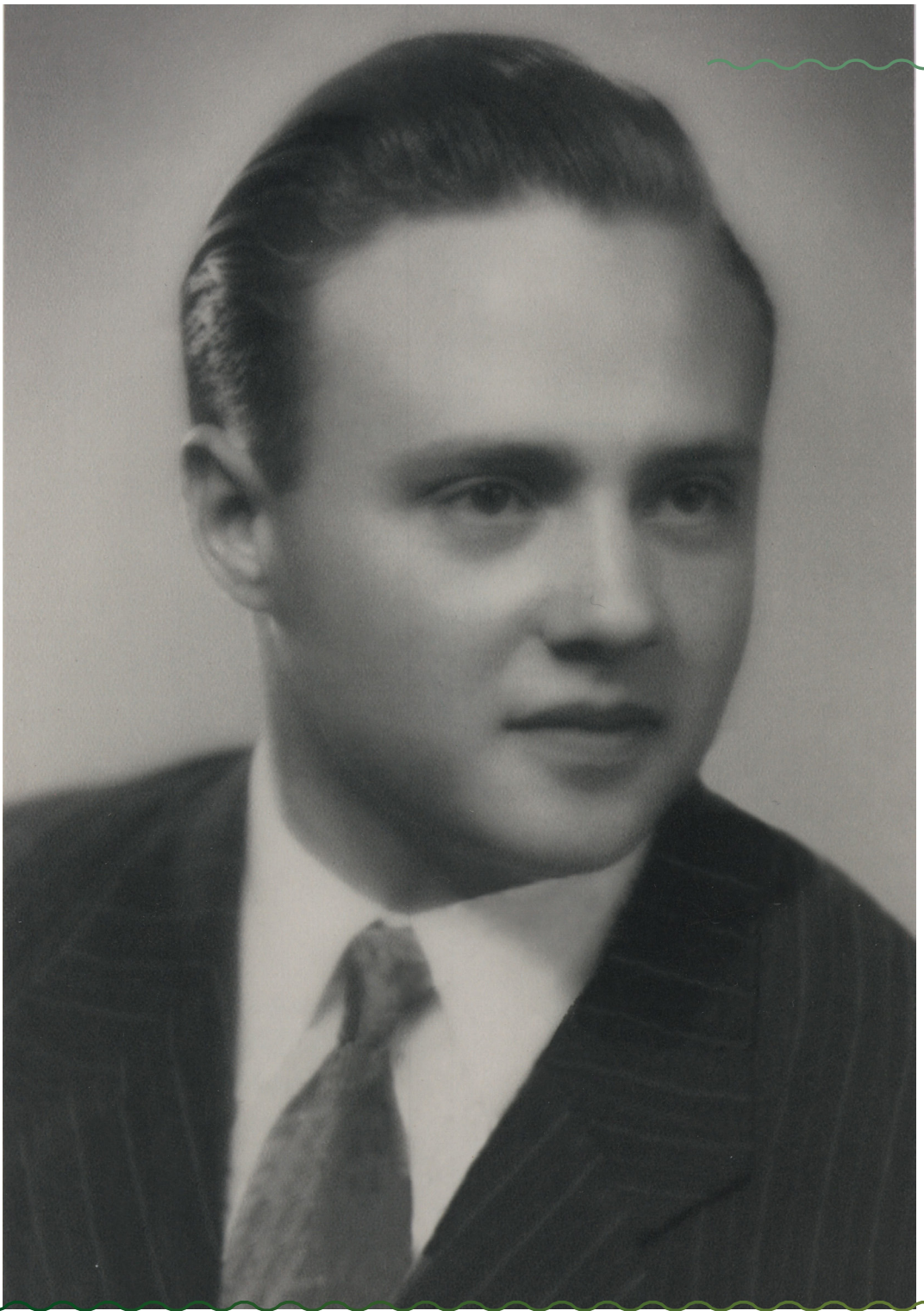
Mas, a matéria bruta da pintura, do desenho e da escrita, será sempre memória e impulso que flui de dentro para fora e se transforma em traço, em marca, em mancha, em apelo. O seu automatismo, defini-o Moita Macedo, em 1973, como “memografismo”, ou seja, o que “teimosamente nos fica na memória. Os caminhos que percorremos e os caminhos que recusámos. A nossa teimosia, os nossos amigos, a forma do poema daqueles que admiramos e a forma da escrita daqueles que também admiramos” (Macias, 2013)¹⁴.

Um “Artista ideologicamente comprometido, inconformado e rebelde, (...) apto a agir nos seus quadros, no seu desenho e nos seus escritos” (Serrão, Moita Macedo), interpela quem o vê e quem o lê, gerando um compromisso entre quem representa e quem é representado, entre quem escreve e quem é escrito. Talvez por isso, Moita Macedo afirma que “O homem é sempre o retrato de outro homem” (Macias, 2013). Neste sentido, a sua obra pictórica pode ser considerada, como afirma Canogar, uma lição de coerência, como se a própria pintura fosse a expressão e a comunicação de um grito vital. Ou seja, “una pintura en lucha consigo misma para encontrar las raíces de su propia naturaleza, la de la pintura y la de su entidad como hombre marcado por su entorno y sus sueños utópicos de un mundo libre y justo” (Canogar, Moita Macedo).

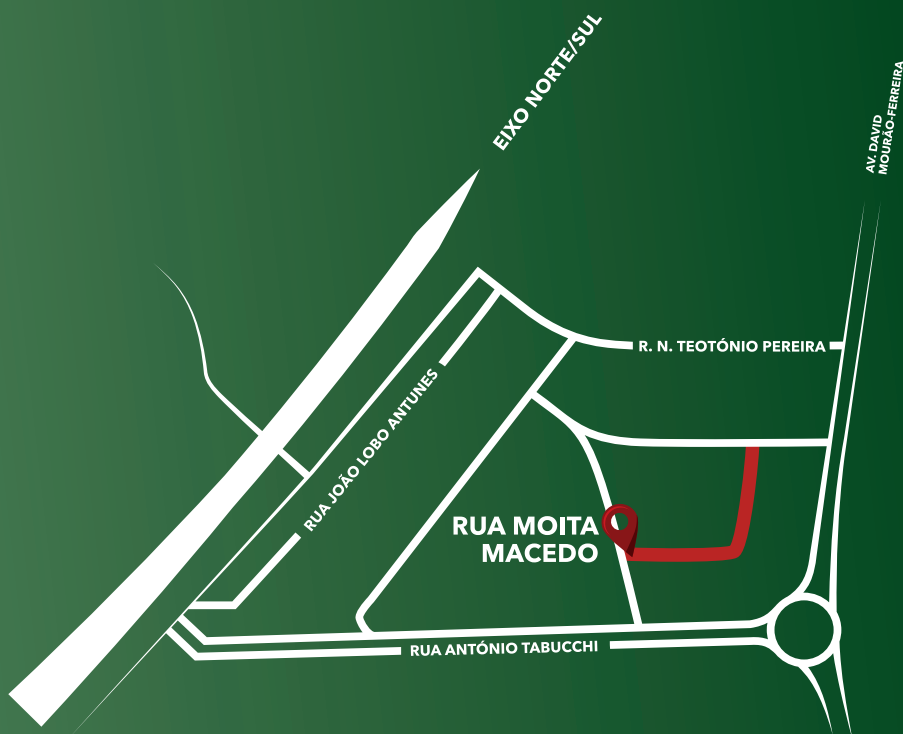


♦ Auto Retrato, s/d
Tinta da China s/ papel. Centro de Arte Moderna

14 Citação extraída do documentário *Moita Macedo, pintor e poeta na revolução*, com argumento e realização de Santiago Macias e colaboração de Paulo Macedo. Rodado em 1981, “coincidindo com uma exposição realizada na galeria Codilivro, em Benfica, o título do filme foi sugerido pelo próprio Moita Macedo, a partir de uma reportagem feita pelo jornal *O Diário*”. Santiago Macias (2013).



Após a homenagem prestada em 2002, a Câmara Municipal de Lisboa, que no acervo do Museu de Lisboa conta com obras suas, considerando Moita Macedo “uma referência de destaque no panorama da pintura portuguesa da segunda metade do século XX”, bem como o facto de Lisboa representar “uma incontestável fonte de inspiração para a sua obra”, e “nela ter desenvolvido o seu trabalho durante a maior parte da sua vida”, aprovou a atribuição do topónimo Moita Macedo ao Impasse à rua D da Malha 34 do PUAL (Plano de Urbanização do Alto do Lumiar).



BIBLIOGRAFIA

- _Branco, A. T. (2003). *Moita Macedo: 1930-1983*. Caleidoscópio.
- _Canogar, R. (s.d.). *Moita Macedo*. In moitamacedo.pt/criticas_artistas_plasticos.html
- _Clube do Pessoal da Siderurgia Nacional | Câmara Municipal do Seixal. In cm-seixal.pt/associacao/clube-do-pessoal-da-siderurgia-nacional
- _Franco, A., Silvério, J., & Avelar, M. (2023). *Caderno do atelier: Desenhos de Moita Macedo*. MEIAC.
- _Macias, S. (2013, out. 29). *Moita Macedo, pintor e poeta na revolução* [Vídeo]. youtube.com/watch?v=rVN8y26JQtA
- _Mendes, L. F. C. (2017). Moita Macedo: Pintor e poeta. In *O traço com que firo as minhas telas: Pintura, desenho e poesia de Moita Macedo* (pp. 2-3). Catálogo de exposição, Fundação Arpad Szènes-Vieira da Silva.
- _Paredes, T. (2015). Moita Macedo: La anticipación. In *A antecipação: Pintura e poesia, Moita Macedo 1930/83* (pp. 3-4). Exposição Palácio da Bolsa.
- _Pereira, F. A. B. (2005). *Moita Macedo: Pintura e desenho*. In moitamacedo.pt/criticas_criticos_arte.html
- _Pereira, F. A. B. (2017). Pintura, desenho e poesia de Moita Macedo. In *O traço com que firo as minhas telas: Pintura, desenho e poesia de Moita Macedo* (pp. 6-13). Catálogo de exposição, Fundação Arpad Szènes-Vieira da Silva.
- _Pereira, F. A. B. (2020). Moita Macedo: Um percurso original no abstracionismo português. *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 15 jul., 22-23.
- _Ribeiro, R. (s.d.). *Moita Macedo ou o amor da liberdade*. In moitamacedo.pt/criticas_artistas_plasticos.html
- _Rodrigues, U. T. (2015). Guerreiro do sonho na paleta e na poesia. In *A antecipação: Pintura e poesia, Moita Macedo 1930/83* (p. 7). Exposição Palácio da Bolsa.
- _Serrão, V. (s.d.). *O maravilhoso mundo do desenho em Moita Macedo: Notas para o reconhecimento do processo criativo de um grande artista*. In moitamacedo.pt/criticas_criticos_arte.html
- _Taborda, A. (2024). O pintor Moita Macedo, visto pelo filho Paulo. *Sábado*, 8 fev., 2.

EDIÇÃO_

Câmara Municipal de Lisboa

PRESIDENTE _

Carlos Moedas

PRESIDENTE DA COMISSÃO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA _

Diogo Moura

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA_

Laurentina Pereira

DEPARTAMENTO DO PATRIMÓNIO CULTURAL_

Jorge Ramos de Carvalho

TÍTULO_ Moita Macedo

COORDENAÇÃO_ António Adriano

TEXTOS_ Ana Isabel Ribeiro

DESIGN_ Ana Filipa Leite

TIRAGEM_ 200

DEPÓSITO LEGAL_ 552055/25

EXECUÇÃO GRÁFICA_ IMPRENSA MUNICIPAL DE LISBOA

A Câmara Municipal de Lisboa agradece à família pela colaboração, tanto na partilha de informação como na cedência de imagens, sem as quais não teria sido possível a ilustração da presente edição biográfica.

toponimia@cm-lisboa.pt
revelar.lisboa.pt/explorar/toponimia | facebook.com/toponimiadeLisboa

2025



•
COMISSÃO
MUNICIPAL
TOPONÍMIA
•